



REFORMA PROTESTANTE

O retorno da Igreja às Escrituras

“[...] o justo viverá pela fé”

(Romanos 1:17)

pág. 4-6

pág. 2

IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA:
LEGADOS HISTÓRICOS

pág. 3

IDENTIDADE RENOVADA: POR UMA
TEOLOGIA DA RENOVAÇÃO

pág. 6

PRESENÇA E PARTICIPAÇÃO FEMININA
NA REFORMA PROTESTANTE

IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA: LEGADOS HISTÓRICOS

A Igreja Presbiteriana Renovada, embora seja uma instituição herdeira da tradição histórica vinculada ao presbiterianismo, em suas práticas pastorais, têm características do movimento pentecostal. Sua nomeação como Renovada implica na constituição de um *corpus doutrinário* que defende a crença nas doutrinas do pentecostalismo, mas, ao mesmo tempo, mantém um sistema de governo presbiteriano. A história e os fundamentos doutrinários de nossa amada IPRB, apontam para uma comunidade cristã histórica, comprometida com a pregação do Evangelho e determinada a viver os ensinamentos de Jesus. A história de nossa Igreja está alinhada a dois importantes movimentos históricos: a Reforma Protestante do século 16 e o movimento de Renovação Espiritual ocorrido no Brasil nas décadas de 1960-70.

IPRB: herdeira de um legado da Reforma Protestante

"[...] o justo viverá pela fé"
(Romanos 1:17).

Historicamente, a IPRB inscreve-se no grupo de igrejas denominadas de protestantes, cuja origem está ligada a Reforma Protestante, ocorrida na Alemanha em 1517. O movimento da Reforma foi liderado por Martinho Lutero (1483-1546), um padre que, ao verificar as práticas da Igreja Católica que estavam em desacordo com a Bíblia Sagrada, propôs uma restauração interna na Igreja; porém, suas propostas de reforma foram rejeitadas pela Cúria Romana, provocando assim, uma cisão no cristianismo ocidental.

A partir de Lutero, a Igreja Católica deixou de ser a única igreja cristã, dando espaço para o surgimento de novas denominações, conhecidas como igrejas protestantes. No Brasil, essas denominações são chamadas também de igrejas evangélicas. O que distingue os evangélicos dos católicos romanos é a aceitação da autoridade da Bíblia Sagrada como única regra de fé e prática e a fé em Jesus Cristo é como o único é suficiente Senhor e Salvador (1 Timóteo 2:5).

As igrejas evangélicas elaboram suas confissões de fé com base nos cinco pilares teológicos da Reforma, conhecidos pelas expressões latinas, chamadas de os

cinco solas. a-) *Sola scriptura* (somente a Escritura): Para a tradição protestante toda a autoridade da Igreja deve estar centrada nas Escrituras, a única regra de fé e prática dos cristãos (2 Timóteo 3:16). b-) *Sola gratia* (Somente a Graça): No protestantismo, salvação só é possível por meio da Graça e mediante a Fé na obra redentora de Cristo (Efésios 2:8). c-) *Sola fide* (somente a fé): A fé foi apresentada pela teologia protestante como o único meio através do qual o homem pode ser justificado. Não é necessário o acréscimo das obras do mérito humano, como ensina a Igreja Católica (Romanos 5:1). d-) *Solus Christus* (somente Cristo): Como forma de reação dos protestantes contra os sacerdotes que afirmavam ter uma posição especial e serem mediadores da graça e do perdão por meio dos sacramentos que ministravam; os reformadores afirmaram que Jesus ocupa o lugar de proeminência na história da salvação. (Atos 4:12). e-) *Soli Deo gloria* (somente a Deus a glória): Toda glória somente para Deus estava relacionada à nulidade dos ídolos. Era uma ênfase no ensinamento da singularidade de Deus (Êxodo 20:3; Isaías 42:8).

A Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil é tributária de uma teologia da Reforma, adota em sua Confissão de Fé e prática pastoral os *cinco solas* defendidos pelos reformadores protestantes do século 16.

IPRB: herdeira de um legado da Renovação Espiritual

"Aviva, ó Senhor, a tua obra no meio dos anos, no meio dos anos faze-a conhecida; na tua ira lembra-te da misericórdia"
(Habacuque 3:2).

A identidade da Igreja Presbiteriana Renovada está diretamente ligada ao movimento de renovação espiritual que ocorreu no Brasil nas décadas de 1960/70 em algumas igrejas presbiterianas históricas, nomeadamente na Igreja Presbiteriana do Brasil e na Igreja Presbiteriana Independente. A história do presbiterianismo no Brasil teve início propriamente em 1859, com a chegada da missão norteamericana chefiada por Ashbel Green Simonton (1833-1867).

Na década de 1960, sob a influência de pastores norteamericanos que vinham ao Brasil para promover campanhas, com ênfase em curas divinas e batismo com o Es-

pírito Santo, teve início o movimento que ficou conhecido como renovação espiritual, ou pentecostalização, que alcançou importantes setores das igrejas evangélicas históricas. No caso da Igreja Presbiteriana do Brasil,

como consequência desse movimento, surgiu em 1969, a Igreja Cristã Presbiteriana (ICP). Já a Igreja Presbiteriana Independente, em 1972, passou por uma cisão que resultou na criação da Igreja Presbiteriana Independente Renovada (IPIR). Na primeira metade da década de 1970, essas duas denominações (ICP e IPIR), iniciaram uma aproximação institucional e espiritual, que resultou na criação de nossa abençoada IPRB, organizada em 8 de janeiro de 1975, em Maringá, PR.

Os principais elementos doutrinários que impulsionaram o surgimento de nossa querida denominação, foram: o batismo com o Espírito Santo e a convicção da contemporaneidade dos dons espirituais; valores teológicos próprios da espiritualidade pentecostal. (Atos 2:39; Joel 2:28-32; Atos 1:8). A IPRB testemunha com alegria a presença de todos os dons do Espírito em ação na vida da Igreja. O povo Renovado busca cuidadosamente os dons espirituais, tal como orientam as Escrituras (1 Coríntios 12:31; Romanos 12:5-6).

Considerações finais

Nossa amada Igreja tem construído seu edifício doutrinário fundamentado exclusivamente nas Escrituras Sagradas. Em sua prática eclesial e pastoral, a igreja privilegia uma perspectiva pneumatológica. Podemos dizer que, concomitantemente, somos uma igreja herdeira de um legado do protestantismo histórico e estamos diretamente ligados ao movimento de renovação espiritual, tendo participado efetivamente dele!

Pr. Advanir Alves Ferreira

Presidente da IPRB

IDENTIDADE RENOVADA: POR UMA TEOLOGIA DA RENOVAÇÃO

A Igreja Presbiteriana Renovada é uma denominação cujo perfil teológico e doutrinário é caracterizado por uma Teologia da Renovação. A identidade denominacional é essencialmente pneumática, isto é, privilegia a obra e a ação do Espírito Santo, nas dimensões individual (no desenvolvimento da espiritualidade pessoal do crente) e coletiva (no desenvolvimento da espiritualidade da Igreja como Corpo). A IPRB nasceu de um mover do Espírito do Santo. É uma comunidade que tem sua identidade intimamente ligada à obra de Renovação Espiritual. Nossa denominação tem suas raízes históricas ligadas à tradição da Reforma e, concomitantemente, privilegia em sua perspectiva teológica o protagonismo do ministério do Espírito Santo. A seguir, destacaremos alguns fundamentos sobre os quais a perspectiva teológica da Renovação está erigida. Vejamos:

A centralidade das Escrituras para uma Teologia da Renovação 2 Timóteo 3:16

A proposta teológica da Renovação não é centrada na subjetividade. Ela emerge a partir das Escrituras, é, portanto, uma perspectiva teológica essencialmente ortodoxa. É possível afirmar de modo categórico que todo edifício teológico da renovação é pensado a partir da Revelação exposta nas Escrituras Sagradas (João 5:39). É a Bíblia que embasa, norteia e limita toda a visão teológica da Renovação (2 Pedro 1:20-21). Neste sentido, toma-se como suposto que não é possível fazer Teologia à parte das Escrituras (2 Timóteo 3:16).

Como herdeiros da tradição teológica do protestantismo histórico, fundamentamos nosso arcabouço teológico com base nos pressupostos doutrinários da Reforma, sem, contudo, desvalorizar o lugar da experiência para a compreensão da Bíblia Sagrada. Para uma Teologia da Renovação, a experiência no Espírito e suas manifestações carismáticas constituem-se em elementos importantes para a leitura bíblica (1Co 12-14). Em nosso arraial Renovado, os crentes são incentivados a lerem a Bíblia buscando compreender suas experiências e resolver dilemas cotidianos.

Firmados na análise do teólogo pentecostal Veli-Matti Kärkkäinen, podemos dizer que a perspectiva teológica da Renovação considera a Bíblia como a Palavra de Deus, a regra de fé e prática do cristão e também, acredita que o texto está em relação circular e dialética com os dramas e experiências de fé dos servos de Deus. Entende-se que a relação entre o fiel e a Palavra não é dualista, mas relacional e experiencial. Assim sendo, a realização do Espírito, sua ação poderosa e milagrosa, constitui-se lugar importante da hermenêutica bíblica e teológica da Renovação (KÄRKKÄINEN, 2010). Isso implica afirmar que as Escrituras ocupam lugar central na constituição de uma Teologia da Renovação.

O lugar teológico da experiência para uma Teologia da Renovação 1 Coríntios 12:11

Podemos dizer que o *ethos* da Renovação é experiencial. Essa perspectiva teológica contempla e valoriza a experiência pessoal na vivência da espiritualidade. Cada fiel, desde os primeiros momentos de sua vida cristã, tem suas experiências com o Espírito Santo, pois a ação do Espírito no âmbito pessoal é dinâmica, isto é, acontece de modo diferente na vida de cada cristão. Na Bíblia Sagrada, a experiência sempre assumiu diferentes formas. Não há norma fixa para as experiências com o Espírito de Deus. Vejamos alguns exemplos bíblicos: Jacó e a visão da escada (Gênesis 28:10-17); Moisés e sarça ardente (Êxodo 3:1-4); Elias e a presença de Deus na brisa suave (I Reis 19:11-13); Pedro e Cornélio (Atos 10: 9-16); Paulo no caminho de Damasco (Atos 9:1-9).

Na pneumatologia experiencial desenvolvida no movimento de Renovação, do qual a IPRB é herdeira, o Espírito Santo não precisa de mediações sacramentais ou litúrgicas. Ele é vivenciado com a intensidade da experiência interior. Para a uma perspectiva teológica da Renovação, a experiência não é qualquer coisa, mas a ação do Espírito como foi realizada entre os apóstolos e as comunidades cristãs primitivas (SMITH, 2003).

A teologia e a experiência espiritual na

perspectiva da Renovação, tem uma epistemologia de caráter afetivo, no qual há espaço não somente para a argumentação analítica, mas privilegia também as emoções e os outros níveis da profundidade humana não admitidos numa teologia totalmente racionalista. Paralelamente à ênfase na experiência, os cultos no contexto carismático valorizam a presença do elemento afetivo, na hinologia, nos movimentos, nas lágrimas, risos e interações entre o ministrante e a igreja. Esses elementos são definidores da espiritualidade da Renovação (COX, 1995).

Considerações finais

A Igreja Presbiteriana Renovada valoriza a obra e a ação do Espírito Santo. Ela procura alinhar sua perspectiva teológica e eclesiológica ao imperativo bíblico: “*enchei-vos do Espírito Santo*” (Efésios 5:18). A Identidade Renovada é carismática. Como fruto de um avivamento, a denominação traz em seu DNA o sopro do Espírito. Desde sua criação, a IPRB enfatiza o protagonismo do ministério do Espírito Santo. Ancorados na análise de Harvey Cox (1994), professor da Universidade de Harvard, podemos dizer que a experiência pentecostal da Renovação é um grito contra o cessacionismo e representa o desenvolvimento de outro tipo de racionalidade, a qual dá lugar a experiência, aos afetos e ao carisma. A espiritualidade da Renovação toca a profundidade humana e rompe com as estruturas meramente racionalistas.

Rodrigo Andrade e Rogério Souza
Editora Renovada

Referências:

COX, Harvey. *Fire from Heaven: The Rise of Pentecostal Spirituality and the Reshaping of Religion in the Twenty-first Century*. Reading, MA: Addison-Wesley, 1995.

KÄRKKÄINEN, Veli-Matti. ‘The Leaning Tower of Mission in a Postmodern Land’ *Ecumenical Reflections on Pentecostal Mission in the AfterEdinburgh World*. *The Journal of the European Pentecostal Theological Association* Vol. 30. 2 (2010.2).

SMITH, James K. A. What Hath Cambridge to do with Azusa Street? Radical Orthodoxy and Pentecostal Theology in Conversation. *PNEUMA: The Journal of the Society for Pentecostal Studies*, vol.25, no. 1, 2003, p.97-114.

REFORMA PROTESTANTE

Trazendo à memória a centralidade das Escrituras

“Não os encobriremos aos seus filhos, contaremos às gerações vindouras sobre os louvores do SENHOR, seu poder e as maravilhas que tem feito”. (Salmo 78).

Por Flávio Santos e Sandro VS

O filósofo alemão Friedrich Hegel (1740–1831) afirmou que a única coisa que aprendemos com a história é que não aprendemos coisa alguma com ela, significando dizer que, na maioria das vezes, analisamos a história sem a intenção de a assimilar. Ao estudarmos a Bíblia e a história da Igreja, descobrimos que o povo de Deus cometeu o mesmo erro. O Salmo 78 é uma comprovação histórica disso. Ao recapitular a história de seu povo, Asafe viu um triste registro do esquecimento, da infidelidade, da insensatez e, por fim, do fracasso do povo da aliança. Não podemos ignorar que as palavras do salmista Asafe foram escritas para o bem dos cristãos de hoje (1Coríntios 10.11,12); por isso, devemos dar ouvidos a elas, pois como disse o teólogo Pierson: “A nossa história é a história de Deus”.

A Reforma Protestante

Temos na história da igreja um momento pontual onde o retorno às Escrituras não foi só necessário, mas também urgente, pois o povo de Deus havia negligenciado sua missão de transmitir a Palavra às gerações seguintes. O cristianismo primitivo havia se tornado uma estrutura organizacional hierárquica, centralizada nos bispos, e a teologia popular da igreja tinha caído em um sinergismo infundado, ou seja, acreditavam em uma doutrina que afirmava que a salvação do homem só poderia ser alcançada mediante a relação de feitos que serviriam como uma colaboração com a graça divina, assim, os líderes da Igreja Católica davam a entender que a graça era como uma simples mercadoria que podia ser conquistada ou até mesmo comprada.

Como resultado desse desvio, o mérito se tornou a palavra-chave nessa Soteriologia. A fé passou a ser interpretada como fidelidade aos ensinamentos e às práticas da igreja oficial, e esses ensinamentos se caracterizavam como obras de caridade que eram interpretadas como compra de indulgências, o pagamento de missas em favor das almas no purgatório, peregrinações dispendiosas para ver relíquias, doação de esmolas aos pobres e práticas de penitências.

A Igreja chegou ao ponto de ensinar que somente na organização visível da igreja romana podia-se encontrar o verdadeiro povo de Deus. Fica claro que nesta proposta a Igreja havia deixado de cumprir, a partir dos seus líderes, os propósitos estabelecidos por Jesus e ensinados pelos seus apóstolos à igreja. A confissão feita pelo apóstolo Pedro, de que Jesus é o “Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mateus 16:16) e sobre a qual Jesus disse que edificaria a sua Igreja e contra ela as portas do inferno não prevaleceriam, foi tendenciosamente interpreta-

da, de maneira que os papas reivindicaram para si a posição de mediadores entre Deus e a Igreja.

Os papas afirmavam que Pedro tinha sido o primeiro papa e que eram eles seus sucessores; assim, a edificação da Igreja estava baseada única e exclusivamente no fundamento que confessa Jesus como “o Cristo e Filho do Deus vivo” deixou de ser a razão principal da igreja visível e os propósitos indispensáveis da igreja deixaram de ser cumpridos, ou na melhor das hipóteses, foram substituídos por outros objetivos.

A Reforma propôs o retorno às Escrituras e teve seu ponto alto quando, em 31 de outubro de 1517, Martinho Lutero afixou nas portas da Capela de Wittenberg, na Alemanha, as suas 95 teses contra os abusos da Igreja Católica. A proposta teológica da Reforma esteve ancorada em algumas bases, pontos e fundamentos doutrinários que podem ser conhecidos e entendidos no que chamamos de “Os Cinco Solas da Reforma Protestante”.



Sola Scriptura

“Toda a Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça” (2Timóteo 3:16).

A Escritura é a única regra de fé e prática daqueles que vivem o Evangelho. O texto citado acima é a conclusão que o apóstolo Paulo ofereceu a uma sessão na qual afirma o valor das Escrituras. O argumento gira em torno do chamado de Timóteo e o incentivo para que ele permanecesse fiel a todo ensino que recebeu. O livro de atos registra que, por meio de sua mãe, Timóteo era judeu, apesar de seu pai ser grego (Atos 16:1-3), portanto, parece claro que Timóteo foi criado por sua mãe. Um dos orgulhos de um judeu era que seus filhos, desde seus mais anteriores dias, fossem ensinados e treinados na Lei. Os judeus pretendiam que seus filhos aprendessem a Lei. Sustentavam que a Lei estava tão impressa no coração e na mente do menino que antes de esquecer-se dela, podia esquecer seu próprio nome.

Devemos nos lembrar que as Escrituras, às quais Paulo se refere, são os livros do Antigo Testamento, porém, se o que apóstolo diz aqui sobre o Antigo Testamento é certo, o mesmo vale em relação às preciosas palavras



do Novo Testamento. “Toda a Escritura é inspirada por Deus” diz Paulo, mas não devemos entender que o apóstolo estava colocando as Escrituras ao lado de outros livros que também são aptos para ensino, repreensão, correção, instrução e justiça. Ele estava afirmando que é somente na Escritura que podemos encontrar a inspiração, autoridade, inerrância, clareza, necessidade e suficiência de Deus, pois é somente na Escritura que encontramos o testemunho acerca da verdade de Deus.

É somente na Escritura que temos a história de salvação de um Deus que salva. É somente na Bíblia Sagrada que encontramos o Deus que escolheu e salvou Abraão,

em Cristo, estava reconciliando consigo mesmo o mundo.

É somente na Escritura que encontramos o fundamento da nossa Teologia, seja ela sistemática, bíblica, apologética, hermenêutica, exegética ou pastoral. É somente na Escritura que encontramos, na simplicidade da leitura, o que precisamos para conhecer o Pai, o Filho e o Espírito Santo e o Evangelho, para sustentar a fé e nortear a vida.

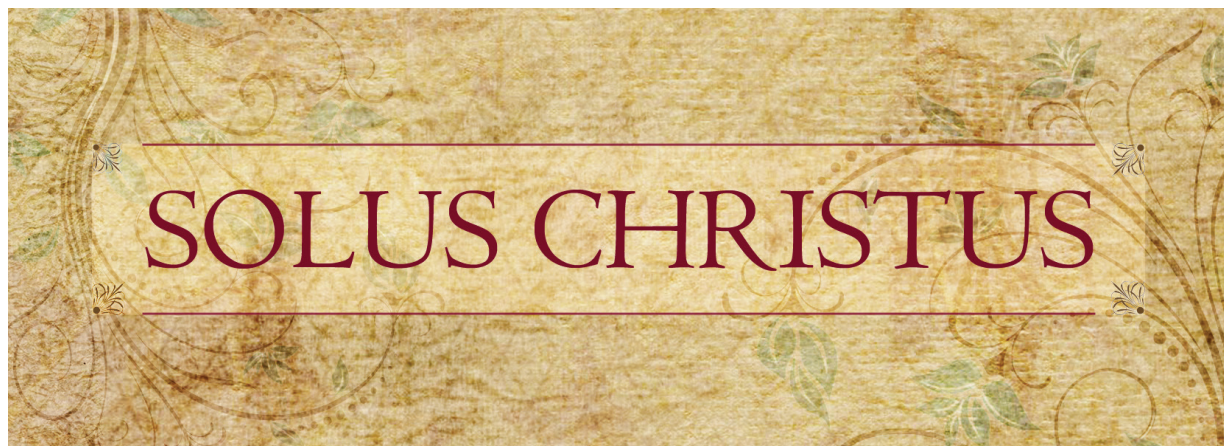
A Igreja precisa valorizar as Escrituras para ter o Evangelho como fundamento de sua fé. A Igreja não deve caminhar sem a Escritura, sob pena de um fracasso iminente.

Solus Christus

“Porque há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem” (1Timóteo 2:5)

Solus Christus foi um dos princípios teológicos fundamentais da Reforma Protestante. Nessa época, o ministro era considerado como tendo uma relação especial com Deus, pois tinha à incumbência de mediar a graça de Deus e o Seu perdão através dos sacramentos. A Reforma se contrapôs a essa premissa, defendendo que a mediação entre Deus e o homem só poderia ser feita por Cristo, por meio do seu sacrifício, suficiente e eficaz para a salvação. Os reformadores protestantes do século 16 insistiram que não existe outro caminho que leve o pecador a Deus senão o que foi proposto pelo próprio Deus, isto é, Cristo Jesus.

Em 1Timóteo 2:5, Paulo explicita tal fato, mesmo porque, o contexto imediato tinha como tema central a salvação. O



raciocínio é simples: se existe apenas um Deus que deseja a salvação de todos, não só dos judeus, mas de homens de todos os lugares, só pode existir um mediador entre esses homens e Deus. Por isso, o apóstolo enfatiza: “Cristo Jesus, homem”. Nessa condição, Cristo não só restaura os pecadores a uma relação com Deus, como também os leva ao conhecimento da verdade, testificando-a como a única verdade. Desse modo, *Solus Christus* é a afirmação de quem encontrou o único caminho que leva ao descanso em Deus.

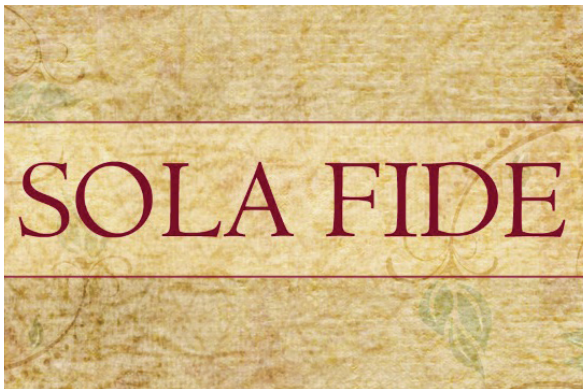
É o alívio de quem, em densas trevas, encontrou a luz. É a resposta positiva de quem ouviu um chamado gracioso e não pôde resistir.

Há que se destacar que quem crê apenas no Evangelho encontrou a Cristo, o único caminho que leva à Deus. Ele é a suprema revelação de Deus, de modo que Ele mesmo narra Deus, ou seja, diz e faz exclusivamente o que o Pai lhe concede dizer e fazer. Ele é a graciosa autorrevelação de Deus. Ele é a sua palavra encarnada (João 1).

Sola Fide

“Pois a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá pela fé” (Romanos 1:16-17).

O Evangelho era loucura para os gregos e escândalo para os judeus. Mesmo assim, Paulo não se envergonhava dele. A ideia é que ele se orgulhava do Evangelho e por isso o pregava. O fato é que o Evangelho é o poder de Deus, a força de Deus para a salvação de todos aqueles que creem, tanto os judeus – aqueles para quem Jesus veio primeiro, quanto os gregos, representando todos os povos. A justiça que justifica o pecador é a justiça que se revela no Evangelho. Com isso, Paulo estava enfatizando que o entendimento para a salvação é dado ao que crê por meio do Evangelho. A justiça, nesse caso, não é somente um atributo de Deus,



mas uma justiça em operação no coração do pecador para justificá-lo, para que ele viva como justo de Deus. A justiça de Deus é a condição que o pecador tem no Evangelho.

É somente pela fé que o justo deve viver. De fé em fé. O justo viverá pela sua fidelidade ao Deus fiel que o justificou no Evangelho. O justo vive da fidelidade do Deus que o torna fiel. A citação do texto de Habacuque 2:4, tem o propósito de evidenciar

como deve ser a vida do justificado pela fé somente. A fé não é caminho para a vida, mas para a justificação do pecador. Esse justificado vive de fé em fé.

O princípio *Sola Fide* é a afirmação de que o homem é justificado sem o acréscimo das obras do mérito humano. A fé que justifica o homem é dom de Deus. É o meio pelo qual a justiça de Cristo é imputada ao pecador. Não há glória meritória. Se o pecador tiver que se gloriar, glorie-se no Senhor que atribuiu a Sua justiça a ele. Pela fé nessa graça é que os pecados do homem são lançados sobre Cristo, o verdadeiro justo de Deus, que na Cruz cumpriu toda justiça. Tal justiça é estendida ao pecador, por isso, ele é declarado justo perante o tribunal de Deus.

A Igreja é desafiada a viver pela fé no Evangelho. A Escritura afirma que é somente através de Cristo que o homem é salvo, tendo como base a Graça, por meio exclusivamente da Fé e para Glória de Deus.

Sola Gratia

“E o Deus de toda a graça, que em Cristo Jesus vos chamou à sua eterna glória, depois de haverdes padecido um pouco, ele mesmo vos aperfeiçoará, confirmará, fortificará e fortalecerá” (1Pedro 5:10)

Graça é o favor imerecido de Deus ao homem pecador, significando dizer que a graça é o favor de Deus aos homens que não merecem de modo algum Sua dádiva. Além da graça ser um dos atributos de Deus é também, o próprio Cristo em Sua encarnação, pois a graça de Deus tem se “manifestado” e o Espírito Santo aplica a graça ao coração do pecador. Isso quer dizer que a trindade é Graça e comunicação de graça.

Deus tem toda graça em seu Ser divino. Ele é pleno de graça e favor. No texto de 1 Pedro 5:10, o conceito de graça é apresentado como a qualidade ou atributo do ser de Deus, em outras palavras, Ele é gracioso em essência e ação. Paulo escrevendo a Timóteo diz: *“Que nos salvou, e chamou com uma santa vocação; não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos dos séculos”* (1 Timóteo 1:9). Isso implica afirmar que a graça já existia Nele antes de ser exercida, assim a graça como atributo de Deus é eterna como Ele é eterno.

A teologia divide a graça em comum e especial. A graça comum é aquela que é comunicada a todos indistintamente, é a que dá aos homens bênçãos sem medida. A



graça especial é soteriológica, pois é por ela que o homem é salvo. É a comunicação da salvação de Deus ao pecador. Deus é gracioso ao comunicar sua graça aos homens. Em Efésios 2:7, Paulo diz: *“Para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da sua graça pela benignidade para conosco em Cristo Jesus”*. Devemos perceber que apesar de Deus ser satisfeito em si mesmo pela essência graciosa que há Nele, o texto afirma que Deus é gracioso na demonstração e comunicação de sua graça aos homens em Jesus Cristo, isso porque o pecado em nós não foi um delito contra a lei de Deus apenas, mas sim contra o seu coração. É possível expiar a transgressão de uma lei, mas é impossível fazer expiação por um coração destrozado se este não perdoar.

O comentarista bíblico Willian Barclay propõe uma analogia para entendermos o tamanho da nossa ofensa e a superioridade da graça em relação a ela: suponhamos que um motorista, por imprudência, mate um menino e seja detido, julgado, declarado culpado, sentenciado a uma determinada prisão ou determinada multa e por fim seja

privado, por algum tempo, da licença para dirigir. No que diz respeito à lei, o assunto está encerrado. Mas, é muito diferente a posição com respeito a mãe do menino morto, pois jamais conseguirá compensar sua perda, nunca poderá cobrir o fato apenas submetendo-se a um período de prisão ou pagando uma determinada multa. O crime cometido vai contra o amor da mãe por seu filho. O único ato que pode restabelecer uma relação é o livre perdão por parte dela. Foi isso que Deus fez por nós.

A expressão *sola gratia* é a afirmação de que tudo o que o homem possui, e, em especial, a salvação, é pela graça somente. É pela graça que o homem é regenerado, justificado, santificado e glorificado, herdando assim, a salvação eterna. É pela graça somente que o homem recebe os dons espirituais e talentos que são usados em favor do Reino. É pela graça somente que o homem recebe as bênçãos de Deus. É pela graça somente que o homem é convencido de que não há méritos nele para que Deus faça alguma coisa em seu favor, enfim, tudo é somente pela graça.

Soli Deo Gloria

"A ele seja a glória eternamente! Amém"
(Romanos 11:36)

Soli Deo Gloria foi a denúncia feita pelos reformadores contra o clero romano que atribuía glória a si mesmo. Na visão da Reforma, a descentralidade das Escrituras no seio da igreja seguiu um processo sucessivo, um tipo de "efeito cascata", ou seja, a substituição da fé (*Sola Fide*) pelas obras meritórias, como caminho para a salvação, resultou na desvalorização das Escrituras (*Sola Scriptura*), consequentemente a mediação entre Deus e os homens, feita unicamente por Cristo (*Solus Christus*), perdeu sua ênfase, e o efeito disso foi à banalização da Graça (*Sola Gratia*).

Quando a igreja romana substituiu, no processo soteriológico, a fé, as Escrituras, o Cristo e a graça por obras, inevitavelmente incorreu no erro de glorificar-se a si mesma. Assim, *Soli Deo Gloria* é o princípio segundo o qual, no processo de salvação, toda a glória é de-

vida a Deus, pois a remissão do pecador só é possível porque nasceu no conselho soberano de Sua vontade.

Todas as coisas são para Deus, logo tudo está em ordem quando retorna como louvor a Ele e, assim, a melhor resposta que temos para o porquê de as coisas serem como são é que tudo é para a glória de Deus, ou seja, quando entendemos que Deus faz cumprir Sua vontade, trabalha esta vontade à Sua maneira e o resultado final é a perfeição. O que nos resta dizer é Glória a Deus!

Todos os caminhos da vontade de Deus serão percorridos por nós para o seu agrado e o agradável é que a glória seja Dele, não por vaidade divina, mas porque, quando a glória é dada a Ele, tudo está em perfeita ordem e, isso sim, O agrada. Aqueles que creem verdadeiramente no Evangelho vivem para a glória de Deus, pois sabem que sua fé em Cristo, suscitada pela revelação das Escrituras, os reconcilia com Ele pela graça. Assim, hoje e sempre: *Soli Deo Gloria!*

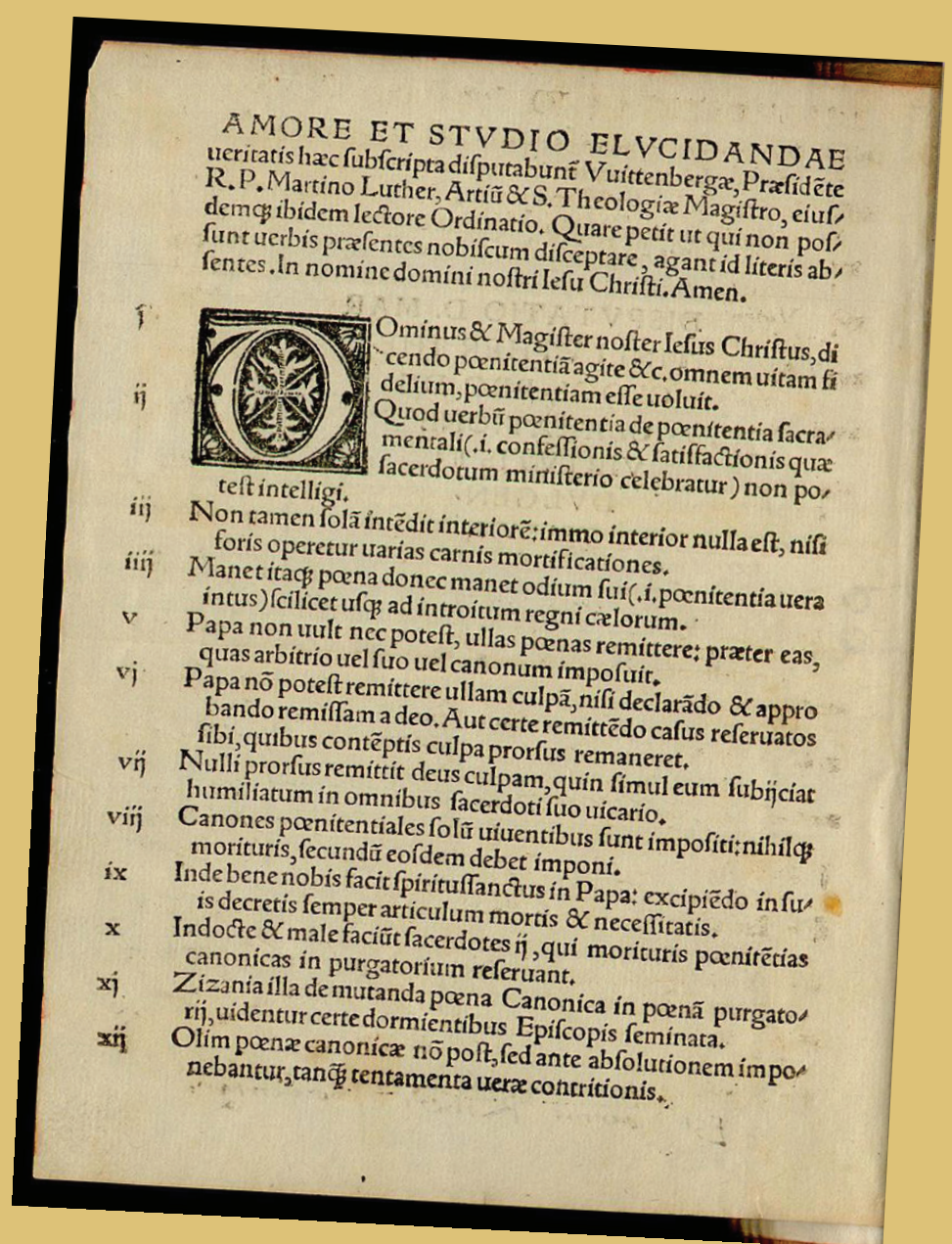


Conclusão

Uma das frases marcantes atribuídas a Martinho Lutero é: "eu não fiz nada, a palavra fez tudo". Essa premissa resume, em grande medida, a intenção da Reforma, que não sugeriu nada inédito para a igreja de Deus em seu tempo, mas afirmou que o único caminho proposto para que a igreja se conserve no Evangelho em todo o tempo é a permanência nas Escrituras.

Podemos dizer que a Reforma Protestante não re-interpretou as Escrituras, pois afirmar isso é correr o risco de superestimar toda essa produção teológica e colocá-la acima do Evangelho, cometendo o erro que a própria Reforma tentou desfazer em relação a teologia vigente, ou ainda, de subestimar toda produção e esforço desses homens que cumpriram seu chamado deixando seu legado.

Enfatizamos a importância da Reforma na história da igreja, pois trata-se de um registro extra bíblico de que Deus preserva a sua Palavra e, por meio dela, protege seu povo. Nossa missão é dar veracidade a outra expressão escrita, atribuída ao teólogo holandês Gilbertus Voet (1589-1676): "*Ecclesia Reformata et Semper Reformanda est*". Essa frase foi proferida durante o Sínodo de Dort, realizado em Dordrecht, Holanda, entre novembro de 1618 e maio de 1619 e significa: *Igreja Reformada, sempre se reformando*. Portanto, uma igreja que retorna às Escrituras estará sempre retornando às Escrituras para nelas permanecer. A igreja precisa trazer à memória a centralidade da Palavra de Deus.



PRESENÇA E PARTICIPAÇÃO FEMININA NA REFORMA PROTESTANTE

Não há judeu nem grego, escravo ou livre, homem ou mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus (Gálatas 3:28).

A Reforma Protestante esteve inserida em um amplo movimento de reformas que preludiavam uma nova configuração para o mundo medieval. Embora tenha se voltado prioritariamente para as questões religiosas, o movimento desencadeado por Martinho Lutero teve desdobramentos em outros campos da vida social e ultrapassou as questões relativas à igreja; reforçando movimentos de renovação nas mais diferentes esferas da estrutura social, inclusive no que se refere ao papel da mulher na sociedade.

A proposta doutrinal apresentada pelos reformadores de que todos os crentes exerciam função sacerdotal em sua relação com Deus, favoreceu para nivelar homens e mulheres diante de Deus. A observação de tal premissa teológica contribuiu para atrair um elevado número de mulheres para o trabalho na igreja. A educação foi o meio através do qual essas mulheres se ingressaram no ministério cristão e alcançaram certo nível de emancipação social.

Com o propósito de estudar as Escrituras, muitas mulheres foram alfabetizadas e passaram a exercer funções sociais e atividades eclesiais no protestantismo incipiente, inaugurando um novo momento histórico que ganhou grandes proporções nos séculos posteriores, especialmente no que concerne ao papel social e religioso da mulher.

Reforma protestante: panorama histórico

O início da Reforma Protestante teve como marco definidor o período entre os anos de 1517 e 1555, respectivamente. A Alemanha foi o seu cenário inicial, e o monge agostiniano Martinho Lutero (1483-1546) foi o seu principal expoente. A Reforma representou uma significativa transformação no campo da fé e marcou o fim do monopólio da autoridade da Cúria Romana na Europa ocidental. No decorrer de sua história, a igreja passou por largas transformações nos aspectos estrutural e doutrinário. Ela deixou de ser apenas uma comunidade de crentes fervorosos e seguidores de Jesus Cristo, para tornar-se uma instituição poderosa e secular que dominou a sociedade medieval europeia em quase todos os seus aspectos.

O clima religioso do final da Idade Média retratava uma igreja cujos fiéis clamavam por mudanças. A cobrança de indulgências – o perdão dos pecados mediante o pagamento de emolumentos, prática que se acentuou no início do século XVI, e os abusos de poder cometidos pelo clero,

apontavam para uma fragilidade nas estruturas administrativas da Igreja. A Reforma proposta por Lutero, em 1517, quando da divulgação das suas 95 Teses para o debate público, contra a venda de indulgências e com severas críticas aos clérigos, era a culminação de um processo de reivindicações por mudanças no interior da igreja.

Dentre os desdobramentos do movimento reformador, podemos destacar a presença e a participação das mulheres. As propostas de caráter educativo implementadas pelos reformadores protestantes, contribuíram para a reconfiguração do papel da mulher, que, à época, restringia-se ao ambiente doméstico. Muito embora pertencente a um sistema patriarcal, a mulher pôde, a partir da Reforma, ter maior aproximação com o ambiente religioso para além da devoção.

Educação para todos e atuação das mulheres no contexto da Reforma Protestante

O tema da Educação foi tratado com mais especificidade pelo Reformador alemão Felipe Melanchthon (1497-1560), que defendeu o direito universal à educação ao requerer que as meninas também pudessem frequentar a escola. Amparado na doutrina de que todos os fiéis eram também sacerdotes, e por isso deveriam receber educação suficiente para estudar a Bíblia, Melanchthon, a exemplo dos demais reformadores da época, especialmente Lutero e João Calvino (1509-1554), propôs um modelo de educação popular voltada para todos e não somente para o clero e para as elites como até então propunha a Igreja Católica. Ele foi considerado por muitos o Preceptor Germaniae, isto é, o

professor da Alemanha, que auxiliou para a formação de um currículo e para as estruturas organizativas das escolas alemãs.

A ampliação do ensino, bem como a inserção, mesmo que ainda incipiente, do feminino no cenário social e religioso, fez com que várias mulheres se envolvessem com as questões teológicas e políticas. Podemos destacar a efetiva participação das seguintes mulheres no contexto da Reforma: Argula Stauff von Grumbach: primeira escritora protestante e uma das poucas mulheres do seu tempo que escreveu poemas, cartas e escritos doutrinários. Elisabeth von Calenberg: primeira mulher a compor canções protestantes. Elisabeth Schütz Zell: primeira pregadora e teóloga protestante. Katharina von Bora: esposa de Martinho Lutero. Uma mulher que atuou decisivamente nas esferas política e religiosa. Essas são algumas das mulheres que participaram ativamente da história do movimento protestante em seus primórdios.

Em que pese o contexto social restritivo e patriarcal do século 16, tais mulheres exerceram liderança e desempenharam atividades intelectuais naquele período, marcando o início de um novo tempo e servindo de exemplo para que outras mulheres cristãs pudessem entender e desempenhar seu papel religioso e social. Podemos afirmar que a Reforma foi possível, em grande medida, pela participação efetiva das mulheres.

Profª. Dra. Francielle Garuti de Andrade

A autora é doutora em História da Educação e professora universitária

JORNAL
RENOVADO

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA DO BRASIL

DIRETORIA EXECUTIVA DA IPRB - Triênio 2019-2021

Presidente: Pr. Advanir Alves Ferreria - Vice-presidente: Pr. Marcos P. de Andrade - Sec. Executivo: Pr. Antônio Carlos Paiva - 1º Secretário: Pr. Marcos Antônio C. Zengo - 2º Secretário: Pr. Jair da Cruz Lara - 1º Tesoureiro: Pr. Sebastião Ap. D. Guerra - 2º Tesoureiro: Pr. Anairton de Souza Pereira.

EDITORA RENOVADA. Editores: Rodrigo Pinto de Andrade e Francielle Garuti de Andrade.

REDAÇÃO: Rodrigo Andrade - Franciele Andrade - Emerson Dutra.

EDITORAÇÃO: Andréa Tragueta

Publicações de matérias de interesse interno da igreja, sem finalidade lucrativa. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores. Textos e fotos remetidos para publicação entram, a partir da publicação, em domínio público, não cabendo ao autor qualquer reclamação quanto a direitos autorais.

Editado bimestralmente. Fundado em dezembro de 2019, pela Diretoria Administrativa da IPRB, é sucessor, para todos os fins de direito, do Jornal Aleluia, que foi fundado em janeiro de 1972, pelos pastores Abel Amaral Camargo, Azor Etz Rodrigues, Nilton Tuller e Palmiro Francisco de Andrade, publicado até a edição 450.